

RIZOMAS DE PEDRA E SILÊNCIO: A LEITURA SEMIÓTICA DA PAISAGEM FRONTEIRIÇA EM MARVÃO

Vanda Maria Sousa²⁵
Rúben Neves²⁶

Resumo

O texto propõe uma exploração filosófica, histórica e ambiental do turismo sustentável em Marvão, alicerçada na ética ambiental, na ecofenomenologia do lugar e na hermenêutica cultural, explorando a memória da fronteira, nas dinâmicas subterrâneas de contrabando e na política do Estado Novo, refletindo sobre o ato de viajar como uma experiência ontológico-ecológica. Refletimos sobre as questões do imperativo moral de preservação de territórios, da biodiversidade e do património imaterial. A fronteira afigura-se, assim, como uma cicatriz histórica e um campo semiótico de transgressões: clandestinas, muitas vezes invisíveis, mas que, tal como um rizoma (Deleuze e Guattari, 1980), se entrelaçam de forma não-linear e em constante mutação. Propondo o conceito de eco-fenómeno-histórico, sugere-se que o turista se torne (co)guardião das memórias e dos ecossistemas locais, num processo de corresponsabilidade ética, rizomaticamente, distribuído entre seres humanos e não-humanos. Convocamos o projeto *Borders & Rails (B&R)* como uma plataforma de criação narrativa imersiva e multimodal, concebida para ativar, compreender e valorizar a raia natural entre Portugal e Espanha. A fronteira é aqui entendida não como separação, mas como zona de contacto e reconfiguração identitária, política e ambiental. A proposta assenta em três pilares interligados: o turismo sustentável enquanto prática ética e responsável; o conceito de fronteira como espaço histórico, simbólico e experiencial; e a ecofenomenologia do lugar como quadro epistemológico que articula percepção, corpo e ecossistema. Problematisa-se o ato de viajar como experiência onto-ecológica, questionando o imperativo moral de preservação dos territórios, da biodiversidade e do património imaterial.

Palavras-chave: Herança cultural; Fenomenologia do lugar; Fronteira;

Abstract

The text proposes a philosophical, historical, and environmental exploration of sustainable tourism in Marvão, grounded in environmental ethics, the eco-phenomenology of place, and cultural hermeneutics. It delves into the memory of the border, the subterranean dynamics of smuggling, and the politics of the Estado Novo, reflecting on the act of travelling as an ontological-ecological experience. We reflect on the moral imperative to preserve territories, biodiversity, and intangible cultural heritage. The border is conceived as both a historical scar and a semiotic field of transgressions—clandestine, often invisible, yet entangled, like a rhizome (Deleuze & Guattari, 1980), in non-linear and ever-changing formations. Introducing the notion of the eco-phenomeno-historical, the text suggests that the tourist become a (co-)guardian of local memories and ecosystems, within a process of ethical co-responsibility rhizomatically distributed among human and non-human agents. We draw upon the *Borders & Rails (B&R)* project as a platform for immersive and multimodal narrative creation, designed to activate, comprehend, and valorise the natural border between Portugal and Spain. Here, the frontier is not understood as a line of separation, but rather as a zone of contact and identity, political, and environmental reconfiguration. The proposal rests on three interconnected pillars: sustainable tourism as an ethical and responsible practice; the border as a historical, symbolic, and experiential space; and the eco-phenomenology of place as an epistemological framework that articulates perception, embodiment, and ecosystem. The act of travelling is thus problematised as an onto-ecological experience, raising critical questions about the moral imperative to preserve territories, biodiversity, and intangible heritage.

Keywords: Cultural heritage; Phenomenology of space; Border.

²⁵ Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) – Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) e Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Media (LIACOM)

²⁶ Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) – Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) e Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Media (LIACOM)

Introdução

O projeto *Borders & Rails (B&R) – Narrando e Partilhando a Paisagem Raiana*, desenvolvido na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS-IPL) - IPL/2021/B&R_ESCS, tomou como ponto de partida a raia fronteiriça da Península Ibérica, a mais extensa da Europa, estabelecida há mais de 700 anos. O projeto propôs a construção de uma narrativa partilhada da raia abrindo à experimentação prática e à narratologia da paisagem, gerando um repositório de experiência do território. Promovendo a inclusão e a consciência ambientalista com sede no turismo sustentável²⁷ (Burtland, 1987²⁸) — descrito como a procura de uma prática capaz de atender tanto às necessidades dos turistas como às das regiões, com vista à preservação dos recursos naturais e culturais — procura-se, assim, ultrapassar a ideia de mera conservação ambiental, envolvendo as identidades culturais e a integração das comunidades locais.

O turismo sustentável surge como uma resposta às crescentes tensões entre as práticas turísticas convencionais e as necessidades de preservação ambiental, justiça social e equilíbrio económico. Num contexto global, em que o turismo se tornou uma das maiores indústrias, o conceito de sustentabilidade aplica-se à preservação de recursos naturais, mas também ao respeito pelas culturas locais, à minimização dos impactos ambientais e à promoção do desenvolvimento local inclusivo.

O turismo sustentável, conforme delineado pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2005), implica um compromisso com a preservação ambiental, a valorização sociocultural das comunidades locais e a viabilidade económica das práticas turísticas. No contexto da raia, este compromisso exige a construção de experiências que não explorem o território como mero recurso, mas que o compreendam como ecossistema simbólico e afetivo. Mais do que um conjunto de boas práticas técnicas, o turismo sustentável é, aqui, entendido como um posicionamento ético, inspirado por uma lógica de cuidado (Joan Tronto, 1993), de interdependência (Donna Haraway, 2016) e de justiça ambiental (Hans Jonas, 1979). Isto implica envolver ativamente as comunidades locais na construção das narrativas turísticas, reconhecer o saber situado (Haraway, 1988), e ativar formas de relação com o território que sejam sensíveis à sua biodiversidade, à sua memória histórica e às suas vulnerabilidades sociais.

O texto explora o conceito de turismo sustentável no contexto da região do Marvão, utilizando uma abordagem interdisciplinar que integra filosofia, história, ecologia e estudos culturais. Para isso, é discutido o conceito de turismo sustentável sob uma ótica filosófica, bem como a importância de Marvão, enquanto território fronteiriço, no desenvolvimento de práticas turísticas que desafiam as formas tradicionais de exploração e consumo. O turismo transcende, então, a observação e alcança a prática da escuta e da imersão nas camadas profundas de memória histórica e afetiva do território. Considerando a abordagem filosófica reposiciona-se o ato de viajar por entre um arquivo sensorial que pulsa nas pedras das ruas e nos silêncios dos lugares. A cada passo, o passeante percorre a geografia do lugar, mas também as suas camadas de memória e história, metamorfoseando a fronteira e revelando a sua espessura temporal e de vivências invisíveis talvez, mas sempre palpáveis, pelo passeante. O ato de viajar torna-se um retorno ao passado e o turista torna-se um espectador

²⁷ A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED), com o seu famoso relatório "O Nosso Futuro Comum" (1987), definiu o desenvolvimento sustentável como aquele que "atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades". Esta ideia foi estendida ao turismo, tendo sido difundido o conceito pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que enfatizou o turismo como uma atividade capaz de gerar benefícios tanto para os destinos turísticos quanto para os turistas, sem prejudicar o ambiente ou as culturas locais. O turismo sustentável não é um conceito único ou estático, mas sim um campo dinâmico e multifacetado, que evolui com o tempo e as circunstâncias. O turismo sustentável, portanto, não se limita a um modelo de "turismo ecológico" ou "verde", mas abarca uma abordagem mais holística, que envolve o compromisso ético com o ambiente, a comunidade e a economia local.

²⁸ <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>

participante, ativo da narrativa do lugar. Sendo o turismo uma atividade utilitária, assume-se como uma responsabilidade ética que exige o cuidar do meio ambiente (Jonas, 1979). Assim, viajar não é deslocar-se, mas antes habitar, temporariamente, o mundo de outros. O turismo, especialmente em regiões periféricas como Marvão, pode operar como um gesto ético ou como violência simbólica, dependendo do modo como a experiência é construída e apropriada. No contexto da crise climática e da crescente atividade turística, é importante repensar o papel do viajante enquanto agente de cuidado e de escuta.

Enquadramento teórico: o turismo sustentável na zona fronteiriça, a prática eco fenomenológica e a hermenêutica.

A eco fenomenologia do lugar: a experiência sensorial e ambiental

No contexto das práticas turísticas contemporâneas, o turismo sustentável encontra-se na interseção entre as práticas fenomenológicas da experiência sensorial e a hermenêutica cultural. A fenomenologia (Merleau-Ponty, 1945) permite compreender de que forma os indivíduos experienciam o mundo ao seu redor. O lugar devém para lá de um cenário físico, apresentando-se como um espaço vivido e experienciado pelo corpo. No contexto do turismo sustentável, esta abordagem sugere que o turista deve ser convidado a viver e a sentir o território de uma forma profunda, já não como um objeto de consumo, mas antes como um sujeito com o qual se estabelece uma relação corporal e sensorial.

No caso de Marvão, a paisagem não deve ser tratada como um simples cenário das atividades turísticas, mas como um ente que deve ser vivenciado de forma genuína. A subida da serra, o calcorrear dos trilhos, o som do vento, o linguajar que se deixa ouvir, o aroma da flora local e alguns encontros inesperados são experiências que proporcionam, ao visitante, uma vivência sensorial do lugar. Tal abordagem, que propõe um turismo menos centrado na observação distanciada e mais na participação ativa no espaço, reforça a importância de uma imersão que respeite os limites naturais e culturais da região.

A ecofenomenologia do lugar deve ser compreendida a partir da convergência entre a fenomenologia, a ecologia e a antropologia ambiental, abarcando as ideias de diferentes pensadores que influenciaram a compreensão de lugar, da percepção e da ética ambiental. O lugar é aqui abordado para lá do espaço físico, para ser considerado como uma experiência vivida e interligada, na qual a percepção humana e o ambiente natural são inseparáveis.

A fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty (1945) coloca o sujeito na presença física e sensível do outro, aqui, na presença física e sensível do lugar. Se o corpo não é apenas um veículo de percepção, mas também um elo vital entre o ser humano e o outro, aqui, assumimos que o corpo é, ainda, um elo vital entre o ser humano e o ambiente. Isto é, a percepção não se dá de forma isolada, antes, verifica-se mediante a experiência sensorial do corpo que interage com o (e no) mundo. Neste contexto, o lugar deixa de ser tomado como passivo e/ou estático para se reencontrar como vivido, envolvente e envolvendo, afetando(-nos) e constituindo(-nos). Ao relacionarmos a fenomenologia do corpo com a ecofenomenologia do lugar, compreendemos que as paisagens naturais não são apenas objetos externos à (nossa) experiência, mas antes, parte da (nossa) vivência, que está em constante interação com os elementos naturais, sociais e culturais.

Assim, o sujeito não é um observador externo ao mundo, mas está envolvido no mundo através do seu próprio corpo. A percepção é, pois, um processo corporificado e já não uma recepção passiva de estímulos externos. A experiência do lugar deixa de ser uma mera abstração intelectual e reconhece-se como ativa e participante (participada), uma vivência concreta, sensorial e afetiva que nos liga ao mundo natural, social e cultural.

O corpo humano devém o ponto de encontro entre o sujeito e o lugar tendo implicações profundas, pois o ambiente natural é percebido como lugar de interação de forma contínua e continuada e que transforma a sua percepção do mundo. A interação com o lugar é uma experiência vivida, na qual o corpo e o lugar estão em constante coevolução e transformação biunívoca.

A ecofenomenologia propõe a experiência do lugar para lá do sensorial, englobando também a compreensão da inter-relação entre os seres humanos e o meio ambiente natural e cultural de acordo com a assunção de que o corpo é o centro da experiência sensorial, mas também do contacto com o mundo (Merleau-Ponty, 1945). Desta forma, o lugar não é algo que se observa, mas antes, e ainda, algo que se vive. Assim, o turismo sustentável surge como uma prática imersiva no ambiente, em contexto holístico, sensorial e ético. A experiência turística em Marvão exige que o turista atue como um guardião do património quer natural quer cultural. A observação deve ampliar-se para o sentir, ouvir e interagir com o espaço, posto que a percepção do lugar é incorporada pelo corpo que se revela através da mobilidade no e pelo espaço (Ingold, 2000).

O turismo sustentável pressupõe o “consumo” da paisagem, mas, sobretudo, a cocriação da experiência em respeito pelo ritmo do lugar, a interdependência e o cultivar de uma relação de respeito mútuo no reconhecimento de que, tanto o humano quanto o não-humano, compartilham espaço e tempo. Daqui devém que a experiência fenomenológica do lugar pressupõe a responsabilidade ética pelo que sobressai a responsabilidade humana face à tecnologia e à natureza (Jonas, 1979). Nesta relação do ser humano com o território, na qual a fronteira torna-se um lugar de encontros, de ressignificação e de reflexões éticas, é possível ver a importância de repensar a experiência turística como uma prática responsável e sensorialmente imersiva.

O conceito de turismo sustentável, especialmente no contexto de Marvão, desvia-se do modelo tradicional de exploração para ser encarado como uma forma de convivência respeitosa com o território e com as suas gentes, com os seus linguajares. A ética ambiental orienta a responsabilidade intergeracional, defendendo que as práticas turísticas devem preservar o meio ambiente imediato e garantir que as gerações futuras possam usufruir da mesma forma das riquezas naturais. Na região de Marvão, isto implica um modelo de turismo que não sobrecarregue os recursos locais, respeite a biodiversidade e permita uma experiência mais consciente e respeitosa do lugar.

Em Marvão, a fronteira é mais do que um limite geográfico, é um espaço de memórias e significados múltiplos, como o contrabando que atravessou a região ao longo da sua história. Também esta memória coletiva deve ser preservada enquanto narrativa viva que deve ser constantemente reescrita e compartilhada, tornando os visitantes em participantes na construção do significado do lugar num contexto hermenêutico (Ricoeur, 1980). Assim, o turismo sustentável em Marvão transcende a questão de preservação ambiental ou desenvolvimento económico, transformando-se numa prática ética e sensorial, que respeita e integra a memória local, a natureza e a cultura. O estudo da fronteira de Marvão como um “eco-fenómeno-histórico” permite uma abordagem mais ampla e interdisciplinar do turismo, destacando a importância de equilibrar os interesses diversos de preservação, desenvolvimento e valorização cultural para construir um futuro sustentável, convidando a reinterpretar continuamente o significado dos lugares, das fronteiras e das narrativas locais. Em Marvão, a fronteira não é apenas um limite geográfico, mas um espaço simbólico, vivo, composto por práticas de resistência, circulação e (re)significação.

O conceito de turismo sustentável, especialmente em regiões como Marvão, desvia-se do modelo tradicional de exploração econômica ou patrimonial para ser encarado como uma forma de convivência respeitosa com o território e com as suas gentes. A experiência turística torna-se prática ética, sensorialmente imersiva e hermenêuticamente aberta (Ricoeur, 1980): subir a serra, ouvir os silêncios, respirar o lugar, reaprender a fronteira como narrativa plural. A fenomenologia de Merleau-Ponty (1945) propõe justamente esse habitar do espaço com o corpo inteiro — corpo sensível e histórico — enquanto Ricoeur (1980) lembra-nos que as memórias e os sentidos se reinscrevem com cada nova travessia. Jonas (1979), por sua vez, alerta-nos para o imperativo moral de cuidar do que herdámos, sem hipotecar o que deixaremos.

A Fronteira de Marvão: História, Memória e Contrabando

A Fronteira como lugar tenso

Situado na linha de fronteira com Espanha, Marvão foi crucial nas Guerras da Reconquista, sendo um ponto tenso entre as coroas de Portugal e Castela. Este território apresenta o seu peso simbólico e militar tendo desempenhado um importante papel na preservação da independência portuguesa. A história da fronteira de Marvão deve ser compreendida no contexto histórico, cultural e social. Durante séculos, as muralhas e o castelo de Marvão serviram de proteção e foram símbolos de um território disputado, repleto de significados de poder, identidade e soberania. A fronteira de Marvão foi sempre uma linha da frente na demanda pela afirmação de autoridade e controlo de acesso ao território. Com a restauração da independência, em 1640, e com as sucessivas invasões napoleónicas, Marvão manteve-se como um ponto estratégico, pelo que compreendemos as muralhas de Marvão como estrutura físicas, mas ainda como memória histórica em que o passado de conflito e de resistência se entrelaça com a identidade cultural. No período pós-Restauração, a presença militar foi reforçada e Marvão tornou-se um ponto de vigilância e resistência.

Durante o período do Estado Novo (1933-1974), a fronteira de Marvão conquistou uma nova dimensão de vigilância política e controle ideológico. A ditadura consolidou o controle da fronteira como uma forma de preservar a estabilidade do regime. A Guarda Fiscal intensificou o controlo sobre o contrabando de bens e pessoas. No entanto, a fronteira de Marvão tornou-se um lugar de transgressão e subversão de uma população que, em situação de pobreza, procurava alternativas para sobreviver. O contrabando de produtos como o café, o açúcar e o tabaco, mas também de pessoas e de ideias, tornou-se uma prática comum, revestindo-se de ato de solidariedade e de resistência em que a fronteira se tornara um espaço de criação de redes subversivas.

Assim, a fronteira de Marvão é um arquivo sensorial, um espaço de memória corporal que se manifesta nos caminhos, nos silêncios dos espaços e em que o contrabando e a repressão política se entrelaçavam com a paisagem ultrapassando a dimensão verbal ou escrita, afirmando-se como testemunho vivo. A hermenêutica cultural torna-se uma ferramenta essencial na interpretação das camadas invisíveis da história que ainda habitam o lugar. Desta forma, o turismo é mais do que uma visita, transparecendo como uma experiência imersiva e reflexiva em que o turista se torna um participante ativo na preservação da memória do lugar. Longe de ser uma divisão, a fronteira é um ponto de encontro em que passado e presente se encontram para (re)criar formas de ser e de estar.

A fronteira: espaço intercalar de “nós” e “vós”

A fronteira de Marvão não é apenas um limite geográfico, mas também um ponto de construção de identidades sociais e culturais. A ideia de "nós" e "vós" (os que estão deste lado da fronteira e os que estão do outro lado) é fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder, pertença e exclusão que moldam a experiência da fronteira. Estes conceitos de pertença e alteridade estão no cerne das relações humanas, quando se reporta aos territórios fronteiriços. Num contexto

histórico, a fronteira de Marvão sempre foi marcada por um claro divórcio entre os lados: de um lado, Portugal, com suas estruturas políticas e sociais, e do outro, a Espanha, com as suas. A divisão entre "nós" e "vós" na fronteira foi, inicialmente, uma questão de soberania política, mas rapidamente se transformou numa diferenciação cultural, econômica e social. Cada lado da fronteira construiu narrativas de identidade próprias, em que o "nós" (os portugueses) se viam como os guardiões da independência nacional e da sua própria cultura, enquanto o "vós" (os espanhóis) representavam o outro, frequentemente visto como um antagonista ou, em alguns momentos, um parceiro de alianças temporárias. Esses processos de diferenciação intensificaram-se durante o Estado Novo, quando a fronteira se tornou uma linha não só de separação, mas também de controle ideológico. A fronteira delimitava territórios e definia o que era considerado "interno" e "externo", o que era "nacional" e "estrangeiro", e o que se considerava legítimo ou ilegal. A divisão entre "nós" e "vós" servia, portanto, a um duplo propósito: político e cultural.

No entanto, quando olhamos para a fronteira de Marvão através da objetiva do turismo sustentável, essa divisão começa a ser (re)significada. O conceito de "nós" e "vós" pode ser um ponto de partida para entender as dinâmicas de exclusão e inclusão que o turismo pode gerar. O turismo sustentável, ao invés de reforçar essas divisões, pode ser uma ferramenta para romper essas barreiras e criar um espaço de encontro, de diálogo e de partilha entre os dois lados da fronteira. O turismo sustentável em Marvão pode ser uma forma de transcender a linha divisória entre o "nós" e o "vós", criando um espaço de integração e respeito mútuo. O turista que visita a região não é um simples espectador passivo, mas alguém que entra em diálogo com a história e com as pessoas que lá vivem, com a memória das comunidades locais e com a paisagem que carrega os ecos de séculos de história de resistência e solidariedade.

A fronteira deixa de ser uma linha divisória e passa a ser um ponto de interseção onde as narrativas se encontram, se cruzam e se reconfiguram. Este encontro entre o "nós" e o "vós" dá-se no plano das identidades nacionais e, também, na interdependência ambiental e cultural. O conceito de identidade ganha assim um cariz relacional que pressupõe um reconhecimento dialógico, de, e para com o outro (Isin e Wood, 1999). Através da repetição e de uma componente de similitude comportamental, mais do que propriamente através de uma distinção ou de uma unicidade, a individualidade assume contornos de um conjunto de identidades (Jenkins, 2014). Se assumirmos que a criação do sujeito, a par de uma lógica de cidadania está indissociavelmente ligada ao processo de criação (e noção) de identidade (Isin e Wood, 1999), legitimamos a importância do conceito de identidade, vista sob o ponto de vista de "o que és" e de "quem és" enquanto papel social (e psicológico) determinante no sujeito, sobretudo ao nível da influência que gera em ações (e gerações) futuras.

Considerando a ecologia das duas margens da fronteira, o turismo sustentável pode ajudar a criar uma consciência compartilhada sobre a necessidade de preservar o ambiente e as tradições de ambos os lados. Promovendo um entendimento mais profundo do outro lado da fronteira, as práticas turísticas que respeitam a memória histórica e as identidades locais podem ser vistas como um reconhecimento da interconexão entre os diferentes territórios e as culturas que os habitam. O turismo sustentável pode reconfigurar a ideia de fronteira como um espaço dinâmico e rizomático (Deleuze e Guattari, 1987). A fronteira torna-se, assim, um espaço de possibilidades, onde o "nós" e o "vós" coexistem, colaboram e compartilham os bens culturais e naturais que fazem de Marvão um ponto de encontro de memória histórica e de futuro sustentável.

O conceito de turismo sustentável deve envolver a preservação das memórias coletivas e o fortalecimento das relações humanas. Ao considerar a fronteira como um espaço de resiliência e transformação, o turismo sustentável, em Marvão, torna-se um processo educativo, que leva os turistas a repensar o conceito de fronteira, não como uma separação, mas como uma possibilidade de interligação, onde a memória, o patrimônio e a sustentabilidade se encontram. Nesse sentido, o turismo sustentável em Marvão pode ser visto como um movimento rizomático, no qual as relações e as trocas acontecem de forma horizontal e fluida, sem hierarquias, e com o reconhecimento de que as histórias e as identidades dos dois lados da fronteira são igualmente válidas e interdependentes.

A raia luso-espanhola é tradicionalmente pensada como um espaço periférico, marcado por dinâmicas de exclusão, esquecimento e resistência, mas pode ser vista como um “terceiro espaço” de tradução, conflito²⁹ e fertilidade cultural. A fronteira é aqui entendida como lugar de encontros e desencontros, onde múltiplas temporalidades e identidades se cruzam, e onde o passado e o presente dialogam de forma por vezes tensa, mas também produtiva. Esta perspectiva abre caminho a práticas de turismo que valorizam a complexidade histórica e simbólica do território, e que recusam a sua simplificação em produto exótico ou mercantilizável.

A fronteira: arquivo sensorial

A fronteira de Marvão carrega consigo uma memória sensorial e afetiva, que se manifesta nas pedras do castelo, nas ruas e nos silêncios das aldeias. Cada gesto do turista que percorre esse território não é apenas uma viagem física, mas uma travessia pelas camadas de memória e história acumuladas n(d)o lugar.

O conceito de arquivo sensorial sugere/surge a partir da ideia de que o turismo sustentável deve ser mais do que uma visita superficial. Ele deve ser uma experiência imersiva e reflexiva, na qual o turista se torna um participante ativo na preservação e na interpretação da memória que ainda habita o lugar.

Marvão, então, não é apenas um local geográfico, mas um espaço vivido, no qual o turista deve ser capaz de sentir a história e a cultura do lugar, de maneira que a sua percepção do território seja moldada por uma relação de empatia e respeito pela memória e pelos sentidos evocados. O turismo sustentável deve procurar a imersão no lugar, respeitando e valorizando as suas dimensões sensoriais, históricas e culturais.

A hermenêutica cultural, neste sentido, torna-se uma ferramenta essencial para interpretar as camadas invisíveis da história que, ainda, habitam o território. Cada passo que o turista dá pelos trilhos de Marvão pode ser visto como um ato de escuta ativa dessas memórias, uma forma de prestar homenagem às histórias que moldaram a região.

A raia não é apenas um espaço geográfico: é um espaço narrativo, identitário e epistemológico. O sujeito que a percorre torna-se ele próprio fronteira — atravessado por línguas, memórias, temporalidades e afetos. Assim, a alteridade interpela o eu, deslocando-o e reinscrevendo-o numa nova economia do sensível (Derrida, 1977).

²⁹ Assumimos aqui o conceito de Thomas Marshal (1950), entendido e exposto pelo autor enquanto contradição e não como luta, no sentido tradicional do termo - uma contradição (o conflito) era, para Marshall, a disjunção dos princípios estruturais de organização do sistema vigente e regulador da sociedade que, aplicados à luta de classes, seria uma característica que, segundo o autor, encarava como permanente e desejável para qualquer sociedade que se “quisesse” dinâmica. Assim, o “conflito” em Marshall não assume o significado (comum) existente que a palavra tem no seu uso quotidiano em sociedade, mas sim toda uma questão estrutural.

B&R – narrando e partilhando a paisagem raiana propõe, assim, uma reinvenção da ideia de turismo: não mais como uma deslocação superficial ou consumo de exotismo, mas como prática relacional, ética e estética. A fronteira torna-se um laboratório de pedagogia territorial, no qual, as narrativas locais e os recursos digitais se articulam para construir outras formas de habitar o mundo.

A hermenêutica Cultural: interpretação e reinterpretação do lugar

O entendimento de um lugar ou de uma prática não é algo fixo e universal, pelo contrário, manifesta-se na interação dinâmica e constante com o passado e com o presente. Nesse sentido, o turismo transforma-se numa prática hermenêutica pela qual o turista, ao deparar-se com o local e com o seu patrimônio cultural, observa, mas, acima de tudo, (re)interpreta e relembra as histórias de cada lugar (Ricoeur, 1970). E cada lugar carrega uma multiplicidade de significados e de histórias entrelaçadas que se reconfiguram cada vez que o turista e as novas gerações de locais reinterpretam as suas identidades. A reinterpretação do passado implica manter vivo o presente. A reinterpretação do lugar apresenta-se como uma prática cultural que envolve a leitura de textos e objetos históricos, a escuta de narrativas orais, o envolvimento nas práticas quotidianas da comunidade. O turista apresenta-se como um interpretante, um participante ativo no processo hermenêutico do lugar, ajudando a reconfigurar o significado desse espaço, posto que a identidade de um local não é estática, antes, constrói-se e desconstrói-se ao longo do tempo, de cada vez que novos significados são atribuídos aos espaços e às práticas subjacentes a esse mesmo espaço. A sustentabilidade está dependente da preservação da memória cultural, e a autenticidade do lugar só pode ser preservada se os turistas agirem de forma reflexiva para e com o lugar e para com as suas dinâmicas.

O turismo como fluxo rizomático de significados

O conceito de corresponsabilidade implica que, tornando-se parte do ambiente, o turista deve ter consciência que a sua presença e as suas ações têm impacto direto no próprio espaço, pelo que se impõe que reconheça os recursos naturais ou culturais como entidades com valor um intrínseco (Jonas, 1979). Ao visitar, o turista transforma-se num agente do passado e do presente, reivindicando a consciência ética de proteger e reconfigurar o lugar através das suas práticas. A ética ambiental implica que se promova um equilíbrio entre o usufruto e a preservação do lugar, enquanto cuidador temporário do ecossistema e da memória cultural.

O turismo configura-se não como um fluxo linear e controlado, mas antes como uma rede rizomática (Deleuze e Guattari, 1980), em que diferentes linhas de fuga e pontos de encontro estabelecem interconexões: cada lugar, enquanto convergência de histórias e ponto de intersecção entre as diferentes formas de turismo seja de massas seja sustentável, surge como uma narrativa fluída e imbricada por entre nós de enredos e de experiências transmediáticas (Scolari, 2009).

No Marvão, as trajetórias dos turistas, as histórias das comunidades locais, as memórias do contrabando e as narrativas de resistência interligam-se numa rede rizomática que desafia a estrutura rígida e hierárquica do turismo tradicional. O turismo rizomático é um ato dinâmico de apropriação e de transformação de significados

O fluxo rizomático de significados garante que o turismo seja uma experiência viva e pulsante, na qual visitantes e visitados são coparticipantes na construção de um sentido coletivo para o lugar. Pelo que a sustentabilidade devém um processo contínuo e multifacetado que se atualiza a cada interação.

Escutar o invisível, desenhar com a terra

Habitar a fronteira é também aprender a ler os seus silêncios. Cada trilho entre Marvão e a Serra de São Mamede é um verso semiapagado num poema escrito com pés, pedras e hesitações. A paisagem, como um palimpsesto, guarda as camadas do tempo sob a superfície visível. Há memórias incrustadas nos muros secos, nos ossos da terra, nos gestos das mãos calejadas que carregaram o contrabando do lado de lá para o lado de cá. Ou talvez fosse o contrário. Quem distingue as direções numa terra que viveu sempre entre o “nem cá, nem lá”, mas sempre aqui?

Neste território de permeabilidades e sobrevivências, o turismo não pode chegar como consumo, mas como escuta... Exige-se uma ética da demora / contemplação. Como quem aprende a conversar com uma árvore antiga, o visitante deve aproximar-se com respeito e abertura, permitindo que o lugar fale — não através de placas informativas ou folhetos plastificados, mas por via das suas cicatrizes, dos seus cheiros, das suas sombras. O verdadeiro mapa do território está nos corpos que o habitam, nas histórias que se contam, nos caminhos que só se revelam a quem se perde devagar.

Marvão, vista de cima, parece uma sentinela de pedra pousada sobre o dorso da serra. Mas, por dentro, pulsa como um organismo rizomático: as suas artérias não seguem os traços retos do planeamento moderno, mas os circuitos sinuosos da sobrevivência e da imaginação. Os contrabandistas de outrora são, afinal, os antepassados dos turistas conscientes de hoje — ambos movidos por desejos que atravessam linhas e inventam percursos onde antes havia apenas proibição ou silêncio.

Propomos, pois, pensar o design de comunicação não como moldura que representa o lugar, mas como gesto que se inscreve no lugar — como quem desenha com a terra e não sobre ela. Um design que é eco-poético, sensível, situado; que acolhe o tempo lento do musgo e o ritmo da rocha; que escuta o invisível e devolve presença ao que foi esquecido. Esta prática exige uma nova cartografia ética, onde as coordenadas são traçadas por afetos e responsabilidades. Na encruzilhada entre fronteira e pertença, contrabando e cuidado, o turismo sustentável emerge como gesto político e poético. Viajar torna-se, então, um exercício de tradução: entre tempos, entre mundos, entre modos de ver. E como em toda a tradução, perde-se algo — mas ganha-se outra espessura, outra intimidade. Não se trata de recuperar uma autenticidade original (inexistente), mas de habitar o inacabado, o ambíguo, o múltiplo. Tal como o rizoma, Marvão escapa a definições fixas: é lugar-limiar, terra que pensa, pedra que ouve.

Se o futuro do turismo na raia puder ser pensado assim — como arte de escuta, como ética do entre —, então talvez possamos redesenhar as nossas relações com o território, não como visitantes temporários, mas como cuidadores comprometidos. E quem cuida, não explora: escava, mas com as mãos abertas.

Habitar a fronteira é também aprender a ler os seus silêncios. Cada trilho entre Marvão e a Serra de São Mamede é um verso semiapagado numa escrita que se caminhou.

Neste território de permeabilidades e sobrevivências, o turismo não pode chegar como consumo, mas como escuta. Exige-se uma ética da demora. Como quem aprende a conversar com uma árvore antiga, o visitante deve aproximar-se com respeito e abertura, permitindo que o lugar fale — não através de placas informativas ou folhetos plastificados, mas por via das suas cicatrizes, dos seus cheiros, das suas sombras. O verdadeiro mapa do território está nos corpos que o habitam, nas histórias que se contam ao entardecer junto ao lume, nos caminhos que só se revelam a quem se perde devagar. Mas, por dentro, pulsa como um organismo rizomático: as suas artérias não seguem os traços retos do planeamento moderno, mas os circuitos sinuosos da sobrevivência e da imaginação do passado contrabando.

Na encruzilhada entre fronteira e pertença, contrabando e cuidado, o turismo sustentável emerge como gesto político e poético. Viajar torna-se, então, um exercício de tradução: entre tempos, entre mundos, entre modos de ver. E como em toda tradução, perde-se algo — mas ganha-se outra espessura, outra intimidade. Não se trata de recuperar uma autenticidade original (inexistente), mas de habitar o inacabado, o ambíguo, o múltiplo. Tal como o rizoma, Marvão escapa a definições fixas: é lugar-limiares, terra que pensa, pedra que ouve.

Se o futuro do turismo na raia puder ser pensado assim — como arte de escuta, como ética do entre —, então talvez possamos redesenhar as nossas relações com o território, não como visitantes temporários, mas como cuidadores comprometidos. E quem cuida, não explora: escava, sim, mas com as mãos abertas.

B&R: A voz da fronteira raiana – narrativa rizomática de um olhar fenomenológico e hermenêutico da paisagem

A proposta *Borders & Rails (B&R- partilhando e narrando a paisagem raiana)* surge da vontade de reinscrever a raia natural, entre Portugal e Espanha, como lugar de criação, escuta e reinvenção narrativa. Ao contrário da visão moderna que concebe a fronteira como linha de separação geopolítica, o projeto assume-a como zona de contacto, permeabilidade e fusão — numa abordagem que se aproxima das reflexões de Homi Bhabha (1994) sobre o *third space*, bem como da noção de fronteira epistemológica. Trata-se de ativar a raia como espaço de fricção poética, onde os sujeitos constroem sentidos identitários através de práticas imersivas e colaborativas, mediadas por dispositivos digitais. A proposta assume-se como um sistema narrativo multicanal e sensível, que envolve fotografia, áudio, realidade aumentada, *games*, cartografias e reportagens multimédia, articulando dois eixos centrais: (1) a construção de narrativas vivas, digitais e partilhadas; e (2) a experimentação de um modelo de turismo sustentável e participativo.

Inserido no contexto contemporâneo de emergência climática e necessidade de reconfiguração das práticas de mobilidade, o projeto *Borders & Rails (B&R)* apresenta-se como uma proposta concreta de turismo sustentável, ancorado numa lógica de valorização do território, da cultura local e da experiência sensível. O turismo sustentável, tal como definido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), implica um desenvolvimento que responde às necessidades dos visitantes e das comunidades anfitriãs, e que protege e melhora as oportunidades futuras, numa articulação equilibrada entre as dimensões económica, sociocultural e ambiental. O *B&R* responde a este desafio ao propor um modelo de turismo de baixa pegada ecológica, centrado na caminhada (*slow mobility*), na escuta, no silêncio e na partilha afetiva da paisagem.

Ao focar-se na raia natural — um território frequentemente marginalizado pelas dinâmicas turísticas convencionais — o projeto procura inverter a lógica extrativista do turismo de massas, propondo uma *economia da atenção* (Citton, 2014) voltada para a escuta do lugar, das suas memórias e das suas formas de vida. Esta perspetiva liga-se à ideia de *ecoturismo narrativo*, em que o viajante é convidado não apenas a observar, mas a interagir, interpretar e cocriar narrativas com e a partir da paisagem. Aqui, o turista torna-se *coautor* de experiências significativas, deslocando-se do papel de consumidor para o de *prosumer* (Toffler, 1970) atento, ético e implicado.

Esta abordagem reforça ainda a dimensão pedagógica do turismo. Ao caminhar pela raia com o apoio de trilhos narrativos imersivos, o viajante é exposto a conhecimentos locais, modos de vida ancestrais, vozes que resistem ao apagamento histórico. Como propõe Tim Ingold (2011), *walking with* — caminhar com o território, com os outros, com as histórias — torna-se uma prática de conhecimento situada e encarnada. A valorização das vozes raianas e da biodiversidade do território inscreve-se, assim, numa política de reconhecimento, combatendo as desigualdades territoriais e

promovendo uma ecologia das culturas (Guattari, 1989) em que o humano, o tecnológico e o natural coexistem de forma sinérgica.

Do ponto de vista ambiental, a utilização de tecnologias digitais para mediação da experiência turística — como *apps* geolocalizadas, dispositivos móveis de realidade aumentada e experiências sonoras personalizadas — reduz a necessidade de infraestruturas invasivas, promovendo um modelo de *turismo leve*, digitalmente assistido, mas fisicamente respeitoso do território. Nesta perspectiva, a fronteira já não é um obstáculo, mas uma possibilidade de encontro: entre viajantes e habitantes, entre tradição e inovação, entre paisagem e imaginação. Ao transformar o território raiano num palco de partilha estética e afetiva, o projeto contribui para redesenhar o mapa do turismo, mas também o da nossa relação com o território.

Integrando essas abordagens, a ecofenomenologia do lugar propõe uma visão do espaço natural como algo vivo, dinâmico e interativo, no qual a experiência humana é profundamente marcada pela corporeidade, pela memória e pela ética ambiental. Num contexto de turismo sustentável, isso implica que o engajamento com os lugares visitados não deve ser superficial ou extrativista, mas sim um processo de vivência respeitosa, que reconhece e valoriza a interdependência entre os seres humanos e os ecossistemas locais. O turismo, assim, não é apenas uma atividade de lazer ou exploração, mas um campo ético e reflexivo, onde o respeito pela biodiversidade, a preservação das culturas locais e a sensibilização para as questões ambientais devem estar no centro das práticas turísticas.

A ecofenomenologia do lugar sugere que lugares, como as fronteiras, são espaços de memória histórica e cultural que devem ser compreendidos e experienciados de maneira holística e ética. Os lugares não são apenas paisagens físicas, mas espaços carregados de significados, afetos e histórias que devem ser respeitados e cuidados, promovendo uma visão integrada de turismo sustentável que respeita a complexidade e a riqueza dos ecossistemas locais e das comunidades humanas.

A proposta aqui apresentada convida a repensar o turismo não apenas como deslocação, mas como forma de estar no mundo. Ao integrar os contributos da ecofenomenologia do lugar, o projeto *Borders & Rails* sustenta-se numa ética da percepção e da interdependência, convocando os visitantes a experienciar o território da raia luso-espanhola de forma profunda, respeitosa e transformadora. Neste contexto, o turismo sustentável revela-se não apenas como uma prática ecológica ou económica, mas como um gesto filosófico e político: uma forma de cuidar do lugar e das relações que o constituem — humanas e não-humanas, históricas e simbólicas, sensíveis e éticas. Ao integrar a ecofenomenologia do lugar e a hermenêutica cultural da memória fronteiriça, o turismo em Marvão propõe uma prática consciente assente numa ética de relação com o território.

Futuramente, outros estudos poderão aprofundar a relação entre turismo e ecologia, explorando mais a fundo as práticas de ecoturismo na região e os efeitos das intervenções de monitorização ambiental. Por outro lado, é fundamental investigar as dinâmicas de memória e de identidade local à luz das transformações sociais e económicas causadas pelo turismo, e como as populações locais podem ser empoderadas para se tornarem agentes de mudança na construção de um modelo de turismo sustentável. A investigação interdisciplinar, que combine estudos históricos, culturais e ambientais, será uma ferramenta vital para promover práticas de turismo mais responsáveis, éticas e genuinamente transformadoras.

Conclusão:

Este artigo propõe que a fronteira de Marvão, tornando-se um espaço de reflexão sobre os limites – não só geográficos, mas também éticos e culturais –, pode servir como um modelo para outras regiões que procurem equilibrar o desenvolvimento turístico com a preservação de suas memórias, ecologias e identidades. A construção de um futuro sustentável passa por uma reconfiguração das nossas relações com o lugar, entendendo-o não apenas como um objeto de consumo, mas como um sujeito digno de cuidado e respeito. A persistente pressão do turismo de massas, as disparidades no governo territorial e a complexidade das políticas transfronteiriças podem dificultar a efetiva concretização de um modelo turístico verdadeiramente sustentável. A cooperação entre os vários níveis de governo, os atores locais e as instituições acadêmicas serão essenciais para alinhar os interesses diversos e promover uma gestão sustentável da fronteira.

Atravessar a fronteira é, neste contexto, mais do que um gesto geográfico: é um movimento ontológico e ético. O Marvão e a raia luso-espanhola não se oferecem ao olhar como cenário exótico a ser consumido, mas como rizomas de pedra e silêncio — paisagens que resistem, sussurram e exigem escuta. O turismo sustentável, entendido não como mera prática de baixo impacto, mas como relação ética e partilhada com o território, revela-se aqui uma forma de coabitação comprometida: implica escutar as vozes ausentes, tocar as marcas da história, percorrer os caminhos do contrabando com a responsabilidade do presente.

Habitar o lugar é, por isso, um exercício de co-responsabilidade ontológica. Frente à mercantilização da paisagem e à “turistificação” dos afetos, é urgente propor modos de presença que não extraiam, mas antes se entrelacem. Modos de turismo que não simplifiquem, mas complexifiquem. Modos de design que não ilustrem, mas mediem. Porque cuidar do território é, afinal, cuidar do tempo e das suas camadas — cuidar daquilo que permanece, daquilo que se transforma e daquilo que insiste em ser escutado.

Neste lugar onde pedra e silêncio se fazem cúmplices, o projeto propõe uma nova poética do olhar e da escuta, uma economia da atenção (Citton, 2014) que desarma o ruído do consumismo e convida à mobilidade lenta, ao caminhar atento e ao cuidado. É um convite a ser corpo e presença que escuta o murmúrio da terra, que se deixa transformar pelo lugar.

O turismo, assim concebido, deixa de ser espetáculo para se tornar ritual — uma coautoria ética onde o sujeito se torna *prosumer* (Toffler, 1970), coautor de narrativas entrelaçadas com a memória, o corpo e o território. Como sugere Ingold (2011), habitar é uma prática encarnada, um gesto de cuidado que emerge da experiência direta, onde o lugar é tecido por passos, vozes e histórias partilhadas.

No âmago do B&R, pulsa uma ecofenomenologia do lugar (Merleau-Ponty, 1945) que insiste na interdependência entre corpo, memória e ambiente. A fronteira é uma paisagem sentida, carregada de afetos e tensões, que desafia a mercantilização da natureza e das culturas. É um espaço onde o silêncio da pedra fala mais alto que o discurso vazio, onde as marcas do passado convocam uma responsabilidade presente.

Finalmente, o convite é para que sejamos capazes de habitar — com o corpo, com a memória, com a atenção — o tempo que ainda resiste a ser esquecido. Esta habitação não é mera permanência física, mas um ato de cuidado temporal e cultural, que valoriza a memória coletiva e a ecologia da atenção (Citton, 2014). O turismo, então, não se reduz à exploração do espaço, mas expande-se para a ética do tempo, do afeto e do respeito profundo, pelo que insiste em existir contra a força do esquecimento.

Assim, a fronteira, o design e o turismo podem transformar-se em práticas políticas e poéticas, desafiando-nos a caminhar juntos com o lugar e com o tempo, numa abertura ética que faz do habitar uma experiência de escuta, cuidado e reconhecimento.

Se a fronteira é também um convite ao cuidado, um risco partilhado entre o visível e o invisível, entre a pedra e o silêncio, quem somos nós quando atravessamos este espaço sem mapas fixos? Seremos viajantes que apenas passam, ou corpos que se deixam tocar, que escutam e que, no gesto de atravessar, tornam-se guardiões das histórias esquecidas, coautores da memória que pulsa em cada pedra e a cada sombra?

Referências

- BENNETT, Jane. *Vibrant matter: A political ecology of things*. Durham: Duke University Press, 2010.
- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem. *Our common future: Report of the World Commission on Environment and Development*. Oxford: Oxford University Press, 1987. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- CITTON, Yves. *La société attentionnelle: Comment l'attention est devenue une monnaie sociale*. Paris: La Découverte, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. Tradução de Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987. Publicado originalmente em 1980.
- DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. Tradução de Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976. Publicado originalmente em 1967.
- FRY, Tony. *Design futuring: Sustainability, ethics and new practice*. Oxford: Berg, 2009.
- GUATTARI, Félix. *Les trois écologies*. Paris: Galilée, 1989.
- INGOLD, Tim. *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.
- JONAS, Hans. *The imperative of responsibility: In search of an ethics for the technological age*. Tradução de Hans E. Jonas e Mark E. Jonsson. Chicago: University of Chicago Press, 1984. Publicado originalmente em 1979.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. Tradução de Donald A. Landes. London: Routledge, 2012. Publicado originalmente em 1945.
- RICOEUR, Paul. *Freud and philosophy: An essay on interpretation*. Tradução de Denis Savage. New Haven: Yale University Press, 1970.
- SCOLARI, Carlos Alberto. *Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.
- SCOLARI, Carlos Alberto. Transmedia storytelling: Implicit consumers, narrative worlds, and branding in contemporary media production. *International Journal of Communication*, Los Angeles, v. 3, p. 586–606, 2009. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/477>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- TOFFLER, Alvin. *Future shock*. New York: Random House, 1970.
- TRONTO, Joan C. *Moral boundaries: A political argument for an ethic of care*. New York: Routledge, 1993.
- WILLIS, Katie. *Theories and practices of development*. London: Routledge, 2006.